

# Dádivas Glocalizadas<sup>1</sup>: A Cooperação Internacional em Itaobim\*

**Fernanda Cimini Salles**

Recém-graduada  
em Relações Inter-  
nacionais/ PUC-MG

**Palavras-chave:**  
Cooperação Inter-  
nacional; dádiva;  
antropologia

**Key Words:**  
Internacional  
cooperation; gift;  
anthropology

**RESUMO:** A partir do olhar da Antropologia, o artigo pretende compreender a força moral que movimenta pessoas, instituições e recursos na estruturação de um campo de proteção e promoção dos direitos das crianças e adolescentes que extrapola os limites municipais e se conecta à arena mais vasta da cooperação internacional. O caso recortado para se perceber essa dinâmica é o município de Itaobim, no Médio Vale do Jequitinhonha.

**ABSTRACT:** Based on the view of Anthropology, this work aims to understand the moral force that moves people, institutions and resources towards the establishment of a field of protection and promotion of child and youth rights that goes beyond the limits of the village and connects it to a wider international arena. The case picked to analyse this dynamic is the village of Itaobim, in the region of Médio Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais.

## Introdução

Neste artigo pretendo sistematizar os principais argumentos desenvolvidos no trabalho de conclusão de curso de Ciências Sociais que apresentei no ano de 2007, em que tive a oportunidade de me familiarizar um pouco mais com o olhar antropológico ao buscar compreender a construção de vínculos sociais e políticos entre atores locais e internacionais em regiões afastadas dos grandes centros urbanos. A etnografia realizada voltou-se para uma localidade específica, o município de Itaobim, localizado na região do Médio Vale do Jequitinhonha, nordeste de Minas Gerais, considerado um dos maiores bolsões de miséria do país. Dentre os vários problemas sociais da região, a situação de vulnerabilidade das crianças e adolescentes é apontada como uma questão grave tanto pelos órgãos públicos como pelos relatórios acadêmicos já produzidos sobre a região (PROGRAMA PÓLOS, 2004).

Organizações não-governamentais estrangeiras, atentas a essa questão, já desenvolvem trabalhos em alguns municípios do Vale. Em Itaobim, destaca-se a Casa da Juventude, mantida pela Fundação Papa João XXIII, de origem italiana e que possui parceria com uma instituição alemã, a KNH, e também a ASCAI vinculada diretamente ao Fundo Cristão para Crianças. A seleção do município de Itaobim justifica-se em razão da maior visibilidade da cooperação internacional nas práticas e nas relações estabelecidas entre atores internacionais e locais pela atuação da Casa da Juventude e da ASCAI. Isso não significa que os demais municípios do Vale estejam isolados desse contexto internacional de desenvolvimento. O ponto é que em Itaobim o campo dos direitos das crianças e adolescentes parece mais consolidado ao centrar-se em torno dessa instituição de caráter transnacional, a Casa da Juventude.

Tendo isso em vista, o objetivo da pesquisa era tentar compreender a força moral dos recursos materiais e simbólicos provenientes da cooperação internacional na construção de vínculos de identidade, posições sociais e relações políticas entre as pessoas pertencentes ao campo do desenvolvimento. Para isso, buscou-se analisar a articulação, a posição e os papéis desempenhados pelas entidades e lideranças locais no campo da assistência às crianças e adolescentes no âmbito do município. Meu objetivo nas viagens a campo era observar as práticas dos agentes intermediários da cooperação internacional, identificando os aspectos da cosmologia local, bem como as categorias nativas, que são ressignificadas pelo internacional<sup>2</sup> e o ressignifica. Essa experiência trouxe-me algumas inspirações e inquietações, que tentarei expor aqui, sumariamente, para que sirva de mote para pesquisas e diálogos futuros.

## Cooperação internacional: um campo, um desenho, vários lugares

Não há uma única definição sobre o que seja o campo da cooperação internacional, isso é, quais os agentes, os objetos, as regras e os valores que o compõem. Os agentes da cooperação internacional podem ser as pessoas, os Estados, as agências receptoras dos financiamentos, e também entidades não-governamentais que atuam tanto no âmbito nacional quanto internacional. As formas como esses agentes se vinculam e se organizam para oferecer ou receber a ajuda internacional são muito distintas e variam em cada caso e área temática.

Por isso, o conceito de campo nos servirá para a configuração analítica das unidades relevantes da cooperação internacional atuante em Itaobim. Segundo Pierre Bourdieu (1983), o que determina a existência de um campo bem como os seus limi-

<sup>1</sup> O termo glocal é cunhado por Arif Dirlik como expressão de um projeto de defesa do lugar em contraponto às teorias da globalização que tendem a marginalizar as experiências das localidades específicas. No glocalismo, formas de globalização local se convertem em forças políticas no lugar e para o lugar (DIRLIK *apud* ESCOBAR, 2005). Utilizamos a expressão "dádivas glocalizadas" em consonância a esse projeto, uma vez que nosso foco converge para as dinâmicas locais de Itaobim.

\* Este texto é uma versão resumida do trabalho de conclusão do curso "As pessoas como agentes da cooperação internacional: o espírito da dádiva no financiamento de projetos para crianças e adolescentes no Médio Vale do Jequitinhonha" orientado pelo professor Daniel Simião (UFMG).

<sup>2</sup> Por "internacional" estou me referindo às dinâmicas que extrapolem os limites nacionais, aquilo que é identificado pelos próprios moradores como o "estrangeiro". Acredito que essa definição possa ser expandida em futuros trabalhos.

tes é a ação e a interação visível dos atores em torno de um objeto comum, de modo que essas relações se estruturam em microcosmos autônomos no interior do mundo social mais amplo. O campo é, sobretudo, um espaço relacional que denota uma exterioridade (aquilo que não pertence ao campo) e uma interioridade heterogênea, em que atores, instituições, discursos e forças morais ocupam posições relativas, diferenciadas e, muitas vezes, conflitantes.

Além disso, todo campo possui uma *doxa*, ou seja, uma opinião consensual compartilhada por todos os agentes no que diz respeito às formas de classificação, àquilo que é interessante ou não, às coisas que têm valor e às regras válidas no campo. Pertencer a um campo não é algo gratuito, ao contrário, exige dos agentes investimentos de tempo, recursos, trabalho, dinheiro, além da posse do capital<sup>3</sup> valorativo naquele campo e a aceitação da *doxa*. Muitas vezes, agentes que ocupam posição dominante podem impedir a entrada de novos agentes, de modo que é comum haver disputas de forças no interior do campo.

A partir desses elementos, o recorte proposto nesse artigo refere-se a uma subdivisão do campo mais amplo das ações internacionais de proteção e promoção dos direitos das crianças e adolescentes. Cabe considerar que o campo da cooperação internacional não é composto por unidades fechadas e coerentes, mas por uma rede complexa de pessoas dotadas de preferências, capacidades e valores morais que dão vida e sinergia ao campo (RIBEIRO, 2007). Daí, as relações pessoais desenvolvidas nesse contexto institucional serem de extrema importância, pois são através delas que as políticas construídas pelos tais agentes nucleares ganham vida e forma local. Em última instância, só é possível falar em um campo da cooperação internacional porque existem atores locais que interpretam, vivenciam e recriam as regras e os valores deste campo em seu cotidiano.

Deparamo-nos, assim, com uma problemática já bastante conhecida no desenvolvimento da antropologia: o binarismo global/ local. Márcio Goldman (1999) identifica a conciliação do local com o universal como um dilema recorrente na aplicação tanto dos métodos quanto das teorias antropológicas no estudo das sociedades complexas, que perpassa todas as escolas da antropologia. Segundo o autor, o grande desafio e, talvez, a originalidade da antropologia residiria nesta constante tentativa de um particularismo minucioso conjugado a uma ambição totalizadora.

O campo da cooperação internacional é em si uma expressão eloqüente da articulação do global com o local de modo que ambos os níveis se misturam de tal forma que se torna difícil distingui-los – configura-se, pois, como um objeto pertencente a uma esfera glocalizada. Por outro lado, é justamente na separação entre aquilo que é local e global que é possível identificar a dinâmica de poder própria a cada esfera. No campo do desenvolvimento, espera-se que a utilização de códigos lingüísticos e canais institucionais que

dêem acesso ao global, possa configurar uma assimetria de poder entre as entidades e pessoas locais, favorecendo àquelas com vínculos externos. Nesse sentido, George Marcus afirma que não há algo único e isolado que se possa chamar de global no contraste local/ global, uma vez que esse global aparece como uma dimensão vivenciada em situações locais, observadas no ensaio etnográfico (MARCUS, 2006).

Na cooperação internacional observada em Itaobim, a relação entre as pessoas e instituições estrangeiras com as crianças e adolescentes beneficiadas não é estabelecida diretamente. Ao contrário, os mediadores locais são peças fundamentais nessa dinâmica. São eles: os gestores do projeto na sede nacional, os coordenadores locais, os técnicos e assistentes sociais, os monitores de atividades, os funcionários, os voluntários, entre outros diversos parceiros públicos e privados que permitem que os recursos doados, materiais e simbólicos, sejam convertidos para o benefício do seu público alvo. Pode-se mesmo falar de uma atuação internacional localizada.<sup>4</sup> Vê-se, assim, que a temática do desenvolvimento humano para a criança e o adolescente é um campo complexo que engloba inúmeros agentes, diversas direções de fluxos de pessoas e troca de recursos, diferentes tipos de vínculos, parcerias e jogo de forças, tanto no âmbito internacional quanto local.

Tentar compreender toda essa complexidade é uma tarefa por demais ambiciosa, e foge às pretensões e capacidades desse artigo. No entanto, tentarei problematizar esse desenho institucional da Cooperação Internacional sob uma lógica de construção de vínculos sociais entre seus agentes que não se restrinja a uma visão mercantilista, estatocêntrica ou associativista, mas que dê conta de todas elas simultaneamente. Por isso, nada mais propício do que resgatar o trabalho de Marcel Mauss<sup>5</sup> por via da teoria da dádiva.

### Campo da Cooperação Internacional: A dádiva

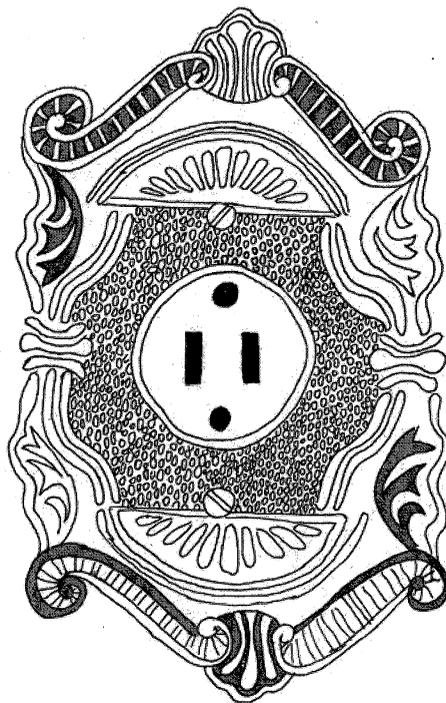
A cooperação internacional, como propõe Kelly Silva, é um fenômeno complexo que envolve trocas, criação de vínculos, posições hierárquicas e diferentes apropriações de poder (SILVA, 2006). Assim como o faz a autora, podemos significar esse fenômeno como um campo de circulação de dádivas, cujas implicações analíticas extrapolam a simples troca de mercadorias e conhecimento. A principal contribuição de Marcel Mauss à tradição sociológica e antropológica, segundo Alain Caillé, é a possibilidade de se pensar a *gênese* do vínculo social e da aliança, de pensar o dom e o político. O paradigma do dom pressupõe que o laço social é o que há de mais útil nesse mundo, sem ele nenhum outro tipo de contrato social seria possível, nem mesmo as relações do mercado ou do Estado (CAILLÉ, 2002).

Em todas as sociedades, tradicionais ou modernas, é possível identificar o dom original, qual

3 O conceito de capital é usado por Bourdieu em um sentido mais amplo do que o valor econômico, incluindo também bens culturais, simbólicos, sociais, etc.

4 Para uma melhor compreensão das discussões acerca do binarismo global/ local, bem como da vivência localizada de ONGs internacionais, ver o trabalho da Anna Catarina Vianna (2006).

5 Marcel Mauss é sobretudo conhecido como antropólogo e etnólogo e juntamente com Émile Durkheim é considerado um dos principais fundadores da Escola Francesa de sociologia. Os trabalhos de Mauss destacam-se por uma "variedade vertiginosa de temas" (Gomes *apud* Lanna, 2000), dentre as quais se inclui a obra *Ensaio sobre a dádiva* (1924).



seja, um sistema de reciprocidades de caráter interpessoal que denota a tríplice obrigação de dar, receber e retribuir bens materiais ou simbólicos. A circulação dessas dádivas (presentes, hospitalidade, doações, serviços, dinheiro, conhecimento técnico, gestos, sonhos, memórias, etc.) permite superar a distância entre eu e o outro, gerando laços de solidariedade, confiança e amizade. A dádiva aproxima pessoas diferentes e as torna semelhantes, pois para dar algo adequadamente devo colocar-me no lugar do outro, e ao receber aquela dádiva, esse outro recebe também algo de mim.

O dom envolve um paradoxo, e é justamente esse paradoxo que o torna eficaz. Dar, receber e retribuir são obrigações universais, mas ao mesmo tempo são obrigações livres, espontâneas e criativas. Em cada campo social existem regras específicas sobre o que e para quem se dar, sendo o dom socialmente instituído. No entanto, os rituais e o simbolismo que o envolve criam uma atmosfera de liberdade e generosidade, o que dá sentido ao dom. O dom não é um ato desinteressado, não se trata de altruísmo. Em alguma medida aquele que dá espera uma retribuição, mas o dom está justamente em abrir-se à incerteza desse retorno, que não obedece necessariamente à lógica contratual moderna em que as partes estabelecem *a priori* os termos da troca e as sanções caso ela não seja cumprida.

As regras da troca (dar, receber, retribuir) manifestam-se simultaneamente nos diversos aspectos da sociedade, constituindo-se, pois, como um fato social total. Na perspectiva de Mauss é inútil isolar os símbolos da morfologia social, uma vez que sua proposta é justamente pensar a relação intrínseca entre simbolismo, sociedade e o dom. Por isso, pensar a cooperação interna-

cional sob um viés utilitarista, isso é, sob a lógica racional dos interesses, ganhos e perdas em jogo é compreender apenas uma parte desse fenômeno, e deixar de lado a dimensão simbólica que o constitui. A existência de uma lógica hierárquica que diferencie posições de honra e prestígio também está fortemente presente na sociabilidade internacional e permanece como condição *sine qua non* para a ajuda internacional. Dar algo é demandar reconhecimento e legitimação de uma posição superior. Receber é confirmar o vínculo e a posição de inferioridade nessa estrutura hierárquica. Retribuir é um passo adiante que reafirma o vínculo estabelecido e procura inverter a direção da dívida.

Uma indagação importante que merece nossa atenção diz respeito às motivações das pessoas para criar vínculos que extrapolem seu ambiente social e nacional, fomentando doações e trocas intercontinentais. O desejo de reconhecimento social e prestígio perante seus pares seria o principal mecanismo para a criação e manutenção desses vínculos? O cientista político Tomohisa Hattori (2003) propõe a análise das organizações de ajuda internacional à luz da teoria de Mauss e compreende a dádiva como expressão de uma virtude (disposição interna) que se institucionalizaria em prática virtuosa observável. Partindo de um argumento aristotélico, Hattori afirma que os recursos doados por essas organizações seriam práticas morais de benevolência, profundamente enraizadas na história ocidental, que não devem ser interpretadas apenas como programas redistributivos, mas como um tipo de filantropia entre pessoas, intermediada por essas entidades.

Para que esse reconhecimento seja efetivado, o autor salienta a necessidade de duas condições: primeiramente, que as práticas virtuosas

sejam identificadas por meio de seus sinais visíveis e segundo, que existam agentes intermediários com autoridade para julgar tais práticas como virtuosas. Nessa lógica, as ONGs internacionais, como a KHN e a Associação Papa João XXIII seriam instrumentos que proporcionariam a oportunidade para a compra de reconhecimento social por parte dos doadores. A virtude dessas práticas estaria justamente no anonimato das doações diante de seus beneficiários, bem como nas justificações éticas para auxiliar aquele que está em situação inferior no *ranking* do desenvolvimento. Essas justificações podem ser de caráter religioso, pautadas na caridade cristã, ou de caráter laico, pautadas na virtude cívica e no desejo de justiça social.

O argumento central defendido por Hattori é de que embora essas justificações éticas para a dádiva precedam e mesmo contradigam a ideologia neo-liberal, as trocas de presentes entre pessoas de países ricos e de países pobres acabam por criar as condições materiais para que esses últimos aceitem e se enquadrem nessa mesma ordem capitalista. Nesse sentido, a ajuda internacional seria um dom típico do modo de produção do capitalismo, uma vez que a doação demandaria uma resposta que fosse coerente com essa lógica, ou seja, os pobres devem provar que merecem a dádiva e que são eficientes<sup>6</sup> na alocação dos recursos recebidos. Se esses recursos não forem empregados pelos beneficiários de modo a promover o desenvolvimento (na concepção do doador), corre-se o risco deles cessarem. Por isso, conclui Hattori, os termos mais familiares ao campo da ajuda internacional são "trabalho pesado", "integridade" e "eficiência", que representariam tanto as expectativas e as motivações do doador, quanto a disposição dos beneficiários em receber e retribuir a dádiva.

O trabalho desenvolvido por esse autor é interessante ao voltar-se para a dimensão socializante das trocas na cooperação internacional nos moldes propostos nesta pesquisa. Porém, em que medida ele pode ser considerado um avanço em direção a uma abordagem menos utilitarista é algo questionável. Observa-se que Hattori no desenvolvimento de sua argumentação apropria-se parcialmente da Teoria da Dádiva, ao pensar apenas na criação de vínculos sociais e na hierarquia mantida pela troca. Ao fazer isso, deixa-se de lado a compreensão da dádiva como um fato social total, que estaria para além da esfera capitalista. Apesar de salientar os aspectos sociais ali envolvidos, essa análise perde a dimensão simbólica da dádiva, a magia (*hau*)<sup>7</sup> inerente à troca, afinal, a dádiva não se restringe à troca de recursos, mas é também troca de palavras, gestos, sacrifícios.

Como mencionado anteriormente, é impraticável estruturar o campo da cooperação sem levar em consideração o papel dos monitores e coordenadores locais para o andamento dos projetos sociais. Por isso, a ajuda internacional não pode ser vista exclusivamente como o campo do anonimato e de uma intermediação vazia, isso é,

que apenas cumpra o papel de distribuição de recursos. Ao contrário, nosso argumento é de que a doação modifica e reforça as posições sociais e as relações políticas entre os agentes do município de Itaobim, contribuindo para alterar o jogo de forças e os próprios princípios que norteiam o campo local de ação social.

## A cooperação internacional em Itaobim: alguns relatos

Foi possível identificar na cooperação internacional observada em Itaobim alguns objetivos claros de intervenção, em que se destaca a busca de mudanças nas categorias nativas. Alterá-las significa construir diferentes visões de mundo, reconfigurar o que venha a ser o 'certo' e o 'errado', o 'puro' e o 'impuro', o 'dentro' e o 'fora' de um campo social. As relações de troca que se estabelecem entre pessoas de fora e pessoas de Itaobim se movem por uma força moral capaz de modificar instituições locais, aproximando identidades até então muito distantes. A esse fenômeno, típico da modernidade, Stuart Hall denomina "identidades partilhadas".

Embora o autor se refira a um conjunto de pessoas que são distanciadas umas das outras no tempo e no espaço, mas que compartilham do consumo de uma mesma mercadoria ou de um mesmo serviço, é possível pensar essa relação para além das implicações do mercado capitalista. A mercadoria, no caso dos movimentos sociais e das ONGs, seria o próprio desenvolvimento e os serviços a ele relacionados,<sup>8</sup> conferindo a estrangeiros e itaobienses envolvidos nessa temática uma noção de pertencimento a um mesmo padrão de identidade. Como sugere Giddens e pôde ser constatado em Itaobim:

*"Nas condições da modernidade [...] os lugares são inteiramente penetrados e moldados em termos de influências sociais muito distantes. O que estrutura o lugar não é simplesmente o que está presente na cena; a 'forma visível' do local oculta as relações à distância que determinam sua natureza".*  
(GIDDENS *apud* HALL, 1995, p. 55)

Até mesmo em um lugar distante a 604Km de um grande centro urbano, o internacional se faz presente e altera substancialmente as noções de tempo e espaço, coordenadas básicas de todos os sistemas de representação. Isso só é possível porque existem pessoas preocupadas em dispor dos códigos lingüísticos para ter acesso às relações de troca para além do município, do estado e do país. O espaço do campo do desenvolvimento é dinâmico, elástico e, como contra-face à globalização capitalista, tende a se expandir para lugares ainda menos acessíveis. As coordenadoras da Casa da Juventude promovem este contato ao convidar moradores das cidades vizinhas e também da área rural para participar de seus rituais – festas, eventos, seminários, mobilizações

<sup>6</sup> O conceito de eficiência é aqui entendido como a melhor maneira para se conseguir alcançar resultados desejados com o menor custo possível.

<sup>7</sup> *Hau* é a obrigação criada na troca, gerador não só da ascendência do doador sobre o beneficiário, mas também capaz de criar o vínculo entre almas, em que parte de si é presenteada junto ao objeto trocado. Segundo Marcel Mauss, "a palavra *hau* designa [...] a alma e o poder das coisas inanimadas e vegetais" (MAUSS, 2003, p.198).

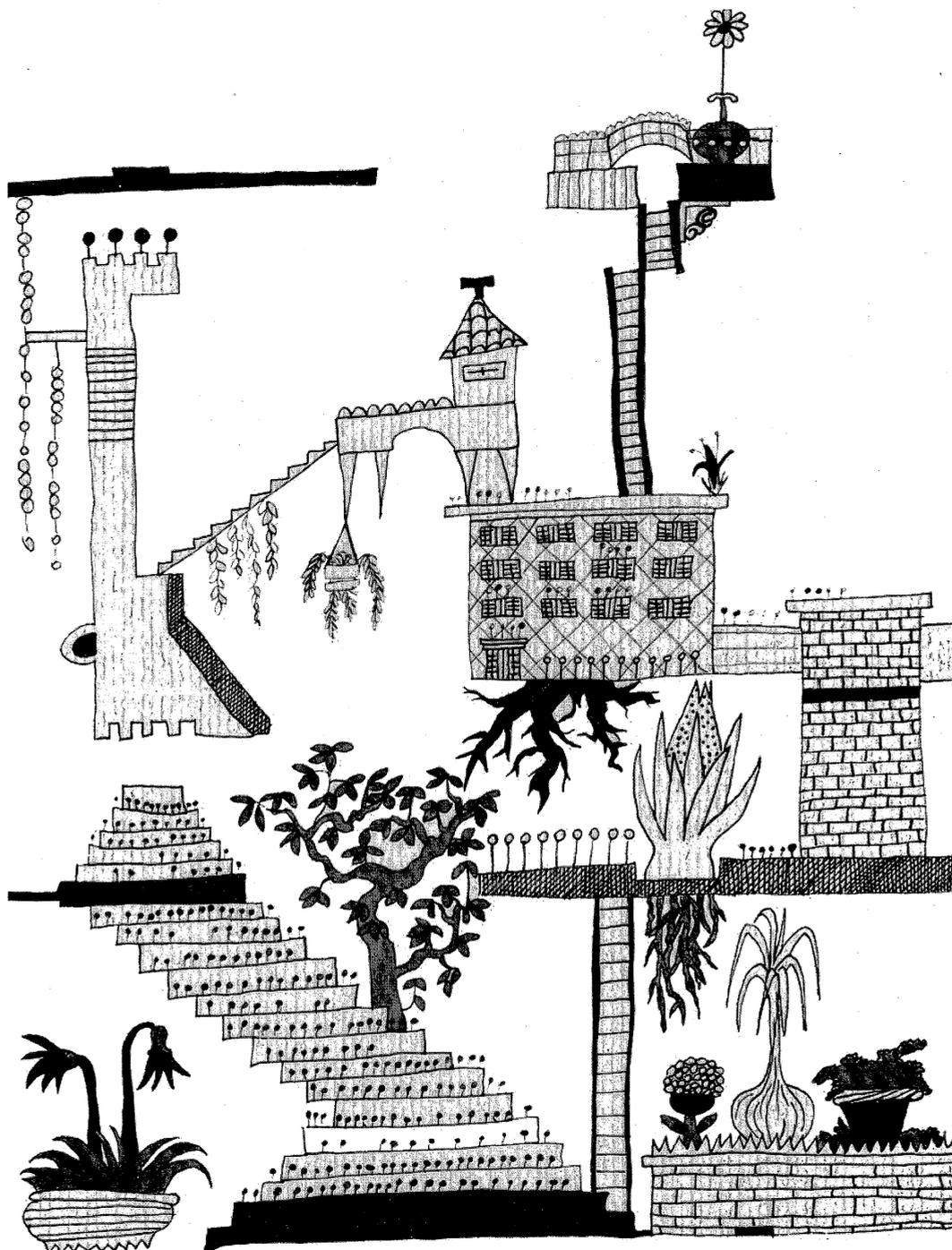
<sup>8</sup> Cabe considerar a existência de um mercado próprio à cooperação internacional, em que algumas empresas se especializam em certas atividades para prestarem serviços aos agentes da cooperação visando o lucro como qualquer empresa capitalista (PNUD,1992). No entanto, esse tipo de atividade não pareceu relevante na cooperação observada neste trabalho etnográfico, podendo ser um assunto melhor desenvolvido em outra oportunidade.

políticas – e, com isso, permite a aproximação de grupos de pessoas à margem da solidariedade internacional. As práticas do campo local de desenvolvimento têm reestruturado a noção de distância espacial entre itaobienses e estrangeiros. As trocas e os vínculos se estabelecem a despeito dos milhares de quilômetros que os separam, sendo o papel dos intermediários crucial para aproximar os itaobientes ao internacional.

Outro elemento espacial observado em Itaobim que já começa a se modificar é o dualismo entre centro e periferia. O trabalho de mobilização da Casa da Juventude tem contribuído para que a periferia cada vez mais adquira uma posição central no município. Nenhum evento organizado por essa entidade se fecha dentro da periferia, ao contrário, mescla-se com elementos do centro, diluindo as fronteiras entre os dois espaços. Des-

de carros de som que transitam pelas ruas da cidade até mesmo manifestações que acontecem na praça central mobilizam igualmente moradores do centro e da periferia. Uma vez que toda a ação do campo se direciona para os bairros marginalizados, na medida em que Itaobim começa a ser reconhecido na região por seus avanços sociais, a periferia deixa de estar à margem e passa a ser vista pelos moradores como um espaço incorporado pelo centro.

Além de modificar a noção de espaço, a cooperação internacional também reconfigura o modo como as crianças e adolescentes organizam seu tempo, ao centralizar sua preocupação com o preenchimento das horas vagas de seus beneficiários. A regra do campo de proteção à infância e juventude é transformar as horas livres em momentos de produção saudável, para se evitar o



tempo para a bandidagem, para o trabalho ilegal, para as drogas, para a pista.<sup>9</sup> Diferente dos jovens que não freqüentam os diversos programas do campo, aqueles que são beneficiados já aprendem e internalizam, desde cedo, uma rotina em que o tempo para estudar, brincar, alimentar e produzir segue a uma mesma estrutura.

A modernidade, contrariamente a que muitos liberais tentam nos convencer, não elimina a noção de pessoa, até porque não encontramos indivíduos circulando pelas ruas, mas pessoas com raça, cor, gênero, religião, status econômico, nacionalidade, entre outras características definidoras de posições sociais. Em Itaobim, são as pessoas que fazem a cooperação internacional ganhar vida e não as entidades estatais, não-governamentais ou indivíduos 'puros'. Nesse ponto, podemos perceber que em Itaobim o valor-eficiência das relações, isso é, das ações voltadas para se atingir resultados com a maximização de benefícios, celebrado na lógica individualista se colocaria em um segundo plano, de modo que prevalece o valor confiança entre as pessoas como forma privilegiada do vínculo glocalizado.

Esse vínculo não somente sustenta as trocas entre pessoas da Casa da Juventude, estrangeiros e pessoas das outras entidades, como também modifica as posições sociais e as relações políticas entre os agentes do município de Itaobim, contribuindo para alterar o jogo de forças e os princípios que norteiam o campo local. Isso pôde ser observado na posição hegemônica alcançada pela Casa da Juventude, seguida da ASCAI, em contraposição ao poder público recém-chegado. Não podemos desconsiderar em nenhum momento a posição também das coordenadoras de cada entidade e a formação de panelinhas institucionais entre elas. Não obstante, o elemento que se mostrou mais forte nesse jogo de forças foi o acesso privilegiado a fonte de recursos internacionais no papel de intermediários, que contribuiu para honra e posição de precedência das duas ONGs.

Identificamos, por fim, um tipo particular de dádiva entre estrangeiros na relação do apadrinhamento. A troca de cartas e presentes entre crianças itaobienses e padrinhos estrangeiros segue a uma ordem estrutural e previsível que nos permite caracterizá-la como um ritual celebrado entre doadores e beneficiários. Um obstáculo observado nessa relação foi o idioma. A tradução tende a simplificar e a formatar um discurso já constrangido por uma série de regras do que pode ou não ser dito. As cartas são, normalmente, pequenas e diretas para cumprirem sua função de confirmação das dádivas. Nos casos em que o adolescente já tem um grau mais avançado de escrita, surgem outros assuntos como clima, curiosidades do outro país ou família. Ainda assim, na maioria das vezes esse diálogo aparece como inteligível para as partes, pois refere-se a contextos culturais e sociais muito dispares.

O apadrinhamento de estrangeiros no tocante a relação direta entre padrinho-afilhado se configura como uma troca silenciosa. O ritual das cartas, além de vincular crianças e padrinhos, conecta as diferentes pontas por onde circulam os bens trocados e, assim, cristaliza e dá sentido a uma rede ainda mais ampla de pessoas. Essa prática de sociabilidade apresenta uma dimensão funcional importante ao fortalecer os vínculos estabelecidos pelas coordenadoras das ONGs locais com a sede estrangeira, pois reafirma a confiança dos padrinhos com o trabalho delas.

## Considerações Finais

Nosso olhar buscou privilegiar as diversas formas como o internacional pode ser reconhecido pelas pessoas em Itaobim por meio das práticas dos intermediários da cooperação. Infelizmente, por questões de espaço, limitamos esse artigo à apresentação da nossa perspectiva teórica, desprivilegiando um enfoque mais sistemático aos dados etnográficos. Acreditamos que, assim, abrimos um diálogo extensivo às ciências sociais e cimentamos o caminho para que os Itaobienses possam aparecer "em carne e osso" em outras oportunidades. Em linhas gerais, foram identificados três tipos de movimentos que configuram a circulação de dádivas. Cada um desses movimentos mereceria uma descrição densa de suas dinâmicas, mas por hora preferimos apenas apresentá-los ao leitor.

O primeiro deles refere-se à relação entre ONGs locais e ONGs internacionais. O contato dos coordenadores locais com as sedes regionais e internacionais das ONGs permite não só a circulação de recursos financeiros, mas também do *ethos* religioso e do *ethos* burocrático próprio ao campo da cooperação internacional. O compartilhamento desses dois tipos de *ethos* aproximam os diferentes pontos do campo bem como consolida as relações de confiança entre os agentes envolvidos.

O segundo movimento diz respeito à relação entre as doadores internacionais e beneficiários locais, isso é, a troca de cartas e presentes entre padrinhos e crianças. É no apadrinhamento à distância que a metáfora das entidades locais enquanto agentes intermediários da cooperação internacional ganha concretude e visibilidade no contexto político de Itaobim, pois são esses agentes que fazem a tradução literal do contato entre padrinhos e crianças.

Por fim, o terceiro movimento observado foi a circulação de dádivas entre os próprios agentes no contexto de Itaobim. Foi possível observar que o vínculo internacional e a visibilidade desse contato garante a posição de precedência da Casa da Juventude no município. Não há quem não considere a entidade como uma referência no Vale do Jequitinhonha. A Casa da Juventude não só esteve presente em praticamente todos os eventos e mobilizações do município para as temáticas sociais, como também participou ativamente

<sup>9</sup> Termo nativo para se referir a BR116.

na organização da maioria deles, reafirmando sua posição também nos rituais próprios ao campo do desenvolvimento.

Desse modo, as trocas estabelecidas entre atores locais e estrangeiros se sustentam em um dom original. Como colocado por Caillé, "o dom constitui o motor e o performer por antonomá-

sia das alianças. O dom é que as sela, as simboliza, as garante e lhes dá vida." (CAILLÉ, 2002, p. 21). Pôde-se observar, assim, que o paradigma da dádiva não apenas se atualiza nas sociedades modernas por meio da cooperação e de relações de troca, mas também serve como força motriz de relações sociais que extrapolam fronteiras.

Submetido em Agosto de 2007  
Aprovado em Novembro de 2007



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. (1983). *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, Editora Marco Zero Limitada.
- CAILLÉ, Alain. (2002). *Antropologia do dom. O terceiro paradigma*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Editora Vozes.
- ESCOBAR, Arturo (2005). "O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?" In: LANDER, Edgardo (org) *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires, Argentina, C Sur Sur, CLACSO, p. 133-168.
- GOLDMAN, Márcio. (1999). *Alguma Antropologia*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.
- HALL, Stuart. (1995). *A Questão da Identidade Cultural*. Tradução: André Jacinto e Simone Frangella. Campinas, IFCH/UNICAMP.
- HATTORI, Tomohisa. (2003). "Giving as a Mechanism of Consent: International Aid Organizations and the Ethical Hegemony of Capitalism". *Sage Publications*, USA, Lehman College.
- LANNA, Marcos. (2000) "Nota sobre Marcel Mauss e o Ensaio sobre a dádiva". *Rev. Sociol. Polít.*, 14: p. 173-194, Curitiba.
- MAUSS, Marcel (2003). *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac e Naify. Tradução: Paulo Neves
- PROGRAMA PÓLOS DE CIDADANIA. (2004). *A responsabilidade social da administração pública na efetividade dos direitos humanos: ação da efetividade dos direitos de crianças e adolescentes na microrregião do Médio Vale do Jequitinhonha (MG)*. Belo Horizonte, Movimento Editorial.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. (2007) "Poder, redes e ideologia no campo do desenvolvimento". In: SILVA, Kelly e SIMIÃO, Daniel (orgs.) *Timor-leste por trás do palco: cooperação internacional e a dialética da formação do Estado*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 275-299.
- SILVA, Kelly. (2006) "A cooperação internacional como dádiva. Algumas aproximações". *Série Antropológica*, Brasília.
- VIANNA, Ana Cristina. (2006) *Repensando o Binarismo local/global entre ONGs em Recife e Olinda e sua financiadora inglesa: possibilidades e limites do conceito de modernidades regionais*. Trabalho apresentado na ABA. Goiânia.